

Ven e Glen

Perto da costa da Zelândia, em frente ao castelo de Holstein, existiram outrora duas ilhas arborizadas — Væn e Glæn — com aldeias e povoados. Elas ficavam não muito distantes da terra firme, nem uma da outra. Mas eis que uma das ilhas desapareceu. Numa noite, desencadeou-se uma tempestade terrível; o mar subiu tão alto como os mais velhos jamais recordavam; a tormenta enfurecia cada vez mais. Parecia que chegava o fim do mundo, que a terra se abria; os sinos nos campanários balançavam e tocavam por si sós.

Foi nessa mesma noite que a ilha de Væn desapareceu nas profundezas do mar, sem deixar vestígio algum. Contudo, muitas vezes depois, em noites tranquilas de verão, quando o mar está claro e transparente, os pescadores, à espreita de enguias à luz de uma lanterna fixada na proa do barco, viam (especialmente os de visão mais aguda) nas águas límpidas a ilha de Væn, o branco campanário de sua igreja e as altas muralhas da igreja. E assim surgiu entre os habitantes da outra ilha a crença de que «Væn espera por Glæn!» Os pescadores contavam que haviam visto a ilha desaparecida, ouvido até o soar de seus sinos; mas isso era apenas ilusão deles. Certamente, eram cisnes selvagens cantando, que frequentemente repousam ali sobre a superfície da água; seu canto lamentoso lembra o distante toque dos sinos.

Houve um tempo em que muitos idosos de Glæn lembravam-se bem daquela noite tormentosa, lembravam-se também da época em que, sendo crianças, atravessavam durante a maré baixa o estreito canal que separava sua ilha de Væn, tal como hoje se atravessa o estreito que separa a Zelândia de Glæn; pois a água atingia apenas o eixo da carroça.

«Væn espera por Glæn» — assim nasceu a crença, e todos sabiam que chegaria o momento em que ela se cumpriria.

Não é de estranhar que muitos meninos e meninas, em noites de tempestade, pensassem frequentemente: «E se tonight Væn vier buscar Glæn!» Tomados de medo, começavam a rezar o «Pai Nosso», depois adormeciam docemente, e pela manhã — Glæn, com suas florestas, campos de trigo, acolhedoras casinhas camponesas envoltas em lúpulo, encontrava-se no seu lugar. Na floresta, os pássaros cantavam, os veados brincavam, e a toupeira, por mais agudo que fosse seu olfato, ainda não percebia o cheiro da água do mar.

E, no entanto, os dias da ilha estão contados; não podemos dizer com certeza quanto tempo exatamente lhe resta existir, mas, mesmo assim, seus dias estão contados — numa bela manhã, a ilha desaparecerá.

Talvez ontem apenas tenhas estado na margem, admirando os cisnes selvagens que repousavam sobre a água entre a Zelândia e Glæn, observando como deslizava junto à costa arborizada um barco com as velas desfraldadas, tendo tu próprio atravessado a pé para a ilha — pois não havia outro caminho —, enquanto os cavalos chapinhavam diretamente na água, que salpicava as rodas.

Mas eis que partiste dali, viajaste, talvez pelo mundo inteiro, e só regressaste à tua pátria após vários anos. Olhas — e diante de ti estende-se um enorme prado verde, cercado por floresta; diante das elegantes casinhas camponesas exalam fragrâncias os palheiros de feno. Onde foste parar? O castelo de Holstein continua a brilhar com seus pináculos dourados, mas já não está à beira-mar, e sim longe dele! Caminhas pela floresta, pelo campo, até a margem do mar... Onde está Glæn? Diante de ti não há ilha alguma, apenas o mar aberto! Será que Væn veio buscar Glæn, como dizia a crença? Quando ocorreu essa noite de tempestade, quando aconteceu tal terremoto que deslocou o antigo castelo de Holstein por muitos milhares de passos de galo para o interior do país?

Nenhuma noite tão tormentosa houve; tudo aconteceu à luz do sol, durante o dia. A mente humana construiu diques, bombeou a água do estreito e uniu Glæn à terra firme. O estreito transformou-se num prado verde, coberto de relva viçosa; Glæn firmemente se ligou à Zelândia. O velho castelo permanece no seu lugar original. Não foi Væn que veio buscar Glæn, mas a Zelândia que o atraiu para si com suas mãos — os diques —, bombeou a água que a separava da ilha e pronunciou o encantamento que os uniu em laços matrimoniais. E a ilha trouxe consigo o dote — a Zelândia enriqueceu com muitas dezenas de hectares de terra! Tudo isso é verdade, inclusive foi publicado nos jornais. Assim, a crença cumpriu-se — a ilha de Glæn desapareceu.